

01 de setembro de 1949

### MEIO DE SEMANA

Há os escritores da província. Há os pobres poetas municipais. E há ainda os poetas federais que tiram ouro do nariz. Província é este silêncio que não está no ar mas se exala das coisas. Este silêncio de todos, apenas decepado uma vez por ano, uma vez num mês, de vez em quando. Este silêncio do comércio em torno das ilhas de cada um, arquipélago mudo, recolhimento em cada canto, torre em ocaso de outono na solidão pessoal dos que perderam a voz.

Província é isto. Há mais paisagem na melancolia do tempo que se evapora. As figuras humanas se dissolvem nesse azul sobre a cidade, os amigos ficam anônimos escondidos atrás de cada parede. Província...

Mas já São Paulo é centro de interesse. A vida e as revistas furam paredes de vidro e os fatos aquecem aspirações imediatas, realizações marcando sintomas. O espírito do mundo circula naquelas ruas. Como qualquer dessas revistas de pura inteligência que existem em Paris, e que se multiplicaram depois da guerra, há em São Paulo essa coisa surpreendente para o nosso meio, essa *Revista Brasileira de Poesia*, coisa muito séria e que nos obriga a meditar as altas qualidades do espírito que anima esse grupo de intelectuais paulistas. Porque essa *Revista Brasileira de Poesia* é das coisas mais notáveis e mais sérias que têm aparecido entre nós em matéria literária. Aí a poesia é tratada com o rigor de análise necessário, sua valorização obedece a um amplo critério de crítica, as novidades do Brasil e de fora, são às vezes surpreendentes. Ainda no último número da revista, o quarto, vamos encontrar esses quinze poetas catalãos numa tradução admirável de João Cabral de Melo Neto. Travamos conhecimento com poetas que ignorávamos, e que valem a pena. Os poemas de José Paulo Moreira

da Fonseca e os de Jamil Almansur Haddad, alguns com poder suficiente para ficarem na memória de nossa sensibilidade, detentores de momentos extraordinariamente ricos, que captaram com o seu poder inesperado de penetração. Ao longo dessas quase cem páginas de texto, uma revista de hierarquia tão alta, nos familiariza com o que vai pelo mundo com referência à poesia da atualidade. É, em sua maioria, gente de São Paulo que assina os artigos, os comentários, aos poemas, a resenha do momento. Fosse escrita em francês e aparecesse na França, talvez a maior parte das elites deste instante vissem nela um ponto de referência obrigatório nas atividades literárias.

A diferença entre a província e o centro consiste mais num estado de alma que propriamente no antagonismo entre a cubagem metropolitana e o excesso de paisagem gratuita. Está na aceleração dos trabalhos tangidos pela numerosa presença, e daí a tendência também para os esforços de equipe. A província é o trabalho na solidão. Cada um consigo mesmo. Ao passo que a atmosfera do grande centro reúne e seleciona, cataloga e determina, pela pressão das necessidades de toda ordem, as vocações nítidas e as capacidades definitivas. E acaba oferecendo, como um fruto próprio, resultados tão interessante como essa revista, que é bem a amostra da existência mental dos civilizados.